

Narrativas pedagógicas da Educação Física em tempos de precariedade

RESUMO

Há uma prevalência crescente de problemas de saúde mental e bem-estar entre crianças e jovens há mais de duas décadas no Reino Unido, situação exacerbada pela pandemia e que certamente perdurará além dela devido a um aumento exponencial da economia gig. As incertezas e a instabilidade que o trabalho gig introduzem na vida das pessoas as deixam doentes e produzem precariedade. Neste contexto, a questão é como a Educação Física deve responder à crescente precariedade? As narrativas dominantes da Educação Física, nos últimos 50 anos, têm sido a preparação para a vindoura sociedade do lazer (que nunca chegou) e a luta contra a obesidade. Embora uma abordagem de prevenção de riscos para a Educação Física como promoção da saúde possa permanecer importante, aulas baseadas em Atividade Física Moderada a Vigorosa (AFMV) podem não ser o que crianças e jovens que sofrem de doença emocional precisam. O artigo defende pedagogias afetivas informadas pela salutogênese como uma resposta apropriada à precariedade. Termina com uma breve revisão das formas pelas quais a precariedade têm sido utilizada na literatura da Educação Física e da Pedagogia do Esporte, oportunidade para argumentar que o conceito, apesar de sua grande importância, ainda não atingiu massivamente os estudiosos de nosso campo.

Palavras-chave: Educação física; Pedagogia crítica; Precariedade; Salutogênese

David Kirk

University of Strathclyde,
The School of Education,
Glasgow, United Kingdom

david.kirk@strath.ac.uk
<https://orcid.org/0000-0001-9884-9106>

Tradução:

Felipe Quintão de Almeida
Karen Lorena Gil Eusse

Pedagogical narratives of Physical Education in times of precarity

Abstract

There has been an increasing prevalence of mental health and wellbeing issues among children and young people for over two decades in the UK, exacerbated by the Pandemic, but sure to endure beyond it due to an exponential increase in the gig economy. The uncertainties and instability gig work introduces to people's lives makes them unwell, and creates precarity. The question is how should physical education respond to growing precarity? The dominant narratives of physical education during the past 50 years have been preparation for the coming leisure society (that never arrived) and the fight against obesity. While a risk prevention approach to physical education-as-health promotion may remain important, lesson based on Moderate to Vigorous Physical Activity may not be what children and young people need who are suffering with mental illness. I advocate for pedagogies of affect informed by salutogenesis as an appropriate response to precarity. I finish with a brief review of the ways in which precarity has been used within the physical education and sport pedagogy literature and argue that the concept, despite its great importance, has yet to cut through to scholars in our field.

Keywords: Physical education; Critical pedagogy. Precarity; Salutogenesis

Narrativas pedagógicas de la Educación Física en tiempos de incertidumbre

Resumen

Hay una prevalencia creciente de problemas de salud mental y bien-estar entre niños y jóvenes hace más de dos décadas en Reino Unido, situación exacerbada por la pandemia pero que continuará por más tiempo debido a un aumento exponencial de la economía gig. Las incertidumbres y la inestabilidad que el trabajo gig que se introducen en la vida de las personas las deja enfermas y producen precariedad. La cuestión es, ¿cómo la Educación Física debe responder a la precariedad? Las narrativas dominantes de la Educación Física, en los últimos 50 años, han sido la preparación para la futura sociedad del ocio (que jamás llegó) y la lucha contra la obesidad. Aunque un abordaje de prevención de riesgos para la Educación Física como promoción de la salud pueda continuar siendo importante, clases basadas en Actividad Física Moderada a Rigorosa (AFMV) pueden no ser lo que niños y jóvenes que sufren de enfermedades emocionales necesitan. El artículo defiende pedagogías afectivas informadas por la salutogénesis como una respuesta apropiada a la precariedad. Termina con una breve revisión de las formas por las cuales la precariedad ha sido producida en la literatura de la Educación Física y Pedagogía del Deporte y argumenta que el concepto, a pesar de su enorme importancia, aun no atendió masivamente los estudiosos del campo.

Palabras-clave: Educación física; Pedagogía crítica; Precariedad; Salutogénesis

INTRODUÇÃO

Precariedade, pandemia e o aumento de doenças mentais entre crianças e jovens

A pandemia Global de Covid-19 chegou justamente no momento em que o conceito de precariedade estava ganhando um pequeno espaço na literatura da Educação Física e da Pedagogia do Esporte. Os lockdowns que acompanharam a pandemia criaram insegurança, incerteza e instabilidade na vida das pessoas que, por sua vez, produziram efeitos prejudiciais na sua saúde e bem-estar. Insegurança, incerteza e instabilidade e seus efeitos deletérios sobre o bem-estar também são características da precariedade gerada pela economia gig. É possível perceber como, diante de relatos da prevalência crescente de problemas de saúde mental entre crianças e jovens, a pandemia é vista como a principal responsável por esse aumento. Essa seria uma interpretação errônea da situação.

Embora os lockdowns e todos os fatores associados, como o isolamento das crianças e jovens, a separação dos amigos, discussões com pais e o aumento da importância das mídias sociais como forma de comunicação, pareçam ter contribuído para o aumento da ansiedade, depressão e problemas comportamentais (KAUHANEN et al., 2022), a supremacia de problemas de saúde mental aumentou no Reino Unido durante as duas décadas anteriores a uma taxa que Pitchforth et al. (2019, p. 1-2) descrevem como "impressionante". Qualificando ainda mais o impacto da pandemia, Ford et al. (2021, p. 1-2) enfatizam que, além de exacerbar doenças mentais já existentes entre crianças e jovens, os efeitos da pandemia na saúde mental de crianças e jovens foram "[...] experimentados de maneira desigual em diferentes faixas etárias e circunstâncias socioeconômicas". Para enfatizar esse ponto, eles também escrevem que as famílias que vivem na pobreza passaram pior pela pandemia do que os grupos mais ricos.

A pandemia foi, sem dúvida, um período de considerável turbulência com consequências trágicas para muitos. À medida que as sociedades começam a retornar aos seus modos de vida pré-pandêmicos e com o benefício da distância temporal dos lockdowns, é possível ver a pandemia como um evento limitado no tempo. Em contraste, a precariedade é uma força duradoura que continuará a alimentar a crescente presença de problemas de saúde mental entre os jovens muito além dos anos de lockdowns. Isso ocorre porque a economia gig está prevista para continuar a crescer em tamanho e a influenciar as economias dos países do Norte Global. De acordo com o site StandOut CV (Gig Economy Statistics UK | 2023 Industry Report (standout-cv.com)), o número de trabalhadores do Reino Unido na economia gig tem dobrado a cada três anos desde 2016 (2,3 milhões) e se estima que chegará em 2026 na casa de 14,86 milhões. Em 2022, os números ficaram em torno de 7,25 milhões, representando 22% de toda a força de trabalho do Reino Unido. Eles relatam que, de acordo com algumas previsões, o trabalho temporário pode valer mais de £ 60 bilhões para a economia do Reino Unido até 2026.

Embora esses números ilustrem a situação no Reino Unido, Standing (2016) mostra que a ascensão da economy gig é um fenômeno global. Os detalhes podem diferir, particularmente entre os países do Norte Global e do Sul Global, mas a economy gig marca uma reconfiguração fundamental das relações das pessoas com o trabalho em todo o mundo. Alinhada às forças associadas ao neoliberalismo, como as necessidades dos empregadores por trabalhadores mais

flexíveis e baratos em comparação com as formas de trabalho mais tradicionais, a economia gig se organiza em torno de empregos sem horas fixas e com contratos de curto prazo. Uma diferença fundamental entre as formas tradicionais de trabalho e o work gig é que, no caso do primeiro, os trabalhadores são pagos por uma jornada de trabalho, enquanto no segundo eles são pagos pela conclusão de uma tarefa definida, independentemente de quanto tempo a tarefa possa levar.

Nem todos os trabalhadores gig desaprovam esses recursos. Para pessoas que se retiraram de uma forma tradicional de trabalho, por exemplo, a natureza flexível do trabalho temporário pode ser atraente. Mas para aqueles cuja única ou principal fonte de renda é o trabalho temporário, a incerteza e a instabilidade afetam o bem-estar. Por causa da flexibilidade inerente ao trabalho temporário, é difícil planejar as atividades com antecedência. Algumas tarefas, como a entrega de encomendas, podem levar períodos de tempo variados, dependendo do tráfego e das condições climáticas que o trabalhador temporário não pode controlar. E para a maioria das formas de trabalho temporário há pouca ou nenhuma oportunidade de avanço na carreira.

Mudando contextos e narrativas dominantes da Educação Física: a sociedade do lazer e a epidemia de obesidade

Eu sugiro que o crescimento da precariedade dá um novo impulso ao pensamento sobre a pedagogia crítica na Educação Física. Isso não quer dizer que não tenha havido suficiente desigualdade social, econômica e injustiça no mundo antes do incremento da precariedade para justificar uma abordagem pedagógica crítica dentro da Educação Física. Mas talvez a aparente imperturbabilidade da aspiração de alcançar o que Berlant (2011) chama de “boa vida” ofuscou a urgência e a necessidade da pedagogia crítica, particularmente nos países do Norte Global. Em um mundo onde parece haver expansão constante dos benefícios econômicos do capitalismo para mais e mais pessoas (a aparência de que de fato chegou o “progresso”), deve-se questionar se a necessidade de ensinar sobre a injustiça social e econômica deve ser vista apenas como uma preocupação educativa das esquerdas? Talvez esta seja a fonte dos receios de Tinning (2002) sobre a pedagogia crítica no início dos anos 2000 e a defesa de uma “pedagogia modesta” (ou o que ele rebatizou recentemente de “pedagogia crítica modesta” em seu lugar (TINNING, 2020)?

A crise financeira global de 2008 é popularmente entendida como o precedente para uma nova era de austeridade no Reino Unido, liderada por uma sucessão de governos de Westminster cada vez mais direitistas desde 2010. Foi durante esse período que a economia gig chegou a um nível perceptível de proeminência, pois a relação dos trabalhadores individuais com o trabalho mudou. A austeridade envolveu o encolhimento do Estado e, com isso, o gradual subfinanciamento de importantes serviços públicos como saúde, educação, assistência social, lei e ordem. Como tal, não são apenas os trabalhadores temporários que foram afetados pela ascensão da economia gig em uma era de austeridade. Mesmo aqueles empregados em formas mais tradicionais de trabalho têm visto mudanças que refletem características do trabalho gig, como intensificação do trabalho, exigências de maior flexibilidade entre os trabalhadores e, claro, uma redução contínua desde 2010 o valor real dos salários.

Antes desta era de austeridade, a partir da década de 1970, pode-se argumentar que, no Reino Unido, as narrativas dominantes da contribuição social da Educação Física escolar transformaram-se conforme as mudanças nos contextos. Desde a década de 1970 e antes da década de 1990, falou-se muito em preparar os jovens para a “sociedade do lazer” (ROBERTS, 2020). Essa narrativa baseou-se na ideia de que, com a crescente automação de muitas formas de trabalho, incluindo o trabalho doméstico, e a riqueza mais generalizada que isso traria, as pessoas teriam mais “tempo livre” e mais dinheiro para se envolver em atividades de lazer. O propósito da Educação Física, nesse contexto, era fornecer aos jovens as habilidades necessárias para participar em atividades ativas de lazer, como esportes e jogos. Durante a década de 1980, essa narrativa da sociedade do lazer tornou-se gradualmente relacionada com a noção de que o lazer ativo não era apenas uma forma divertida e saudável de preencher o tempo livre, mas também poderia oferecer benefícios à saúde diante das preocupações emergentes sobre doenças relacionadas ao sedentarismo, como doenças cardiovasculares (DCV).

A partir da década de 1990, podemos ver nessa introdução de elementos relacionados à saúde o início de uma mudança na narrativa dominante à medida em que a Educação Física buscava responder a um contexto social em que não apenas a DCV era uma grande preocupação, mas o aumento da obesidade infantil era identificado como uma prioridade urgente. As suposições subjacentes que alimentaram essa mudança foram que, embora o aumento da automação e a riqueza associada na sociedade não possam, afinal, aumentar o tempo de lazer, eles encorajaram o comportamento sedentário e o consumo de fast food. Neste contexto e desde a perspectiva da Nova Saúde Pública, a resposta da Educação Física foi contribuir como membro de um coletivo de profissões relacionadas com a saúde para promover a atividade física e a boa forma física (SALLIS; MCKENZIE, 1991). No final da década de 1990, iniciou-se um consenso generalizado de que o papel da Educação Física nesse contexto (que agora estava sendo anunciado como uma epidemia de obesidade), era oferecer oportunidades para que os jovens se engajassem regularmente em dosagens adequadas de Atividade Física Moderada a Vigorosa (AFMV), com base na noção de que exercício é remédio/saúde. Indiscutivelmente, essa narrativa contribuiu para abalar a narrativa do lazer no início da era da austeridade, por volta de 2010.

Essas narrativas dominantes sobre a contribuição social da Educação Física escolar nas últimas quatro décadas parecem mais claramente discerníveis com o benefício da retrospectiva. No meio das transformações, na época, essas mudanças eram mais difíceis de reconhecer na prática escolar. Como discuti longamente em outro lugar (KIRK, 2010), encontramos professores de Educação Física lutando com muitas dificuldades para educar os jovens para a sociedade do lazer devido a restrições impostas pela ordem institucional da escola, onde a cultura escolar e infraestrutura disponível determinam até que ponto os alunos poderiam se envolver na crescente gama de atividades de lazer ativas que estavam potencialmente disponíveis. Em vez disso, no interior de um currículo lotado com atividades, a experiência predominante foi a repetição de técnicas esportivas descontextualizadas. Confinada por essas circunstâncias históricas e, além disso, com a influência residual de formas de Educação Física que respondiam a eras sociais anteriores, informadas pelo militarismo e pela eugenia, a Educação Física, já no início dos anos 1990, era vista como uma disciplina 'fracassada' no currículo escolar (LOCKE, 1992). Enquanto isso, tornou-se mais forte a defesa da Nova Saúde Pública para a Educação Física como forma de promoção da saúde.

Indiscutivelmente, a Educação Física como técnica esportiva (KIRK, 2010) não era adequada para levar adiante uma agenda de promoção da saúde. Embora seus advogados tenham lentamente alimentado, na comunidade de Educação Física, a crença generalizada de que sua principal contribuição social seria juntar-se à "luta contra a obesidade", a pedagogia para implementar essa crença não estava em vigor, fato evidenciado no lamento de McKenzie e Lounsbery (2009) de que a Educação Física era o remédio que não foi tomado. Onde essas ferramentas pedagógicas foram implementadas para apoiar essa agenda de promoção da saúde, como o caso do Fitnessgram® (PLUIM; GARD, 2018), houve resistência à atividade física e à aptidão física como objetivos principais da Educação Física de vários setores e por uma série de razões, como um estreitamento da gama de possíveis formas que a Educação Física pode assumir (KIRK, 2020).

Embora a obesidade infantil não tenha diminuído na era da austeridade, ela não parece ter se tornado tão prevalente quanto os cientistas da obesidade previam no início dos anos 2000 (GARD, 2011). No momento atual, sem dúvida, sua influência na narrativa dominante da Educação Física pode ser vista como uma distração de questões ainda mais prementes relacionadas à saúde mental e ao bem-estar geral de crianças e jovens.

Certamente parece que, neste contexto contemporâneo de austeridade e precariedade, a promoção da Atividade Física Moderada a Vigorosa (AFMV) pela Educação Física escolar não é tudo o que é necessário face à raiva, à ansiedade, à alienação e à anomia das crianças e jovens - os 4 As da precariedade, de Standing (2016).¹ É necessária uma nova narrativa pedagógica que leve em conta a obesidade e as DCV, mas que também forneça uma justificativa para a resposta da Educação Física ao aumento das doenças mentais.

Salutogênese, Educação Física como promoção da saúde e pedagogias do afeto

A teoria da salutogênese de Aaron Antonovsky (1996) foi desenvolvida na década de 1970 e introduzida pela primeira vez na comunidade acadêmica de Educação Física e da Pedagogia do Esporte pelos suecos Sollerhead et al. (2005) e Quennerstedt (2008). Embora sua relevância para a saúde tenha sido óbvia desde o início, acredito que seu valor como teoria da promoção da saúde realmente se destaca no contexto da precariedade. Como argumentei em outro lugar (KIRK, 2020), o conceito central da teoria, Senso de Coerência (SoC), e seus três subconceitos (significância, compreensibilidade e viabilidade), representam a antítese dos 4 As da precariedade. Se, como postula Antonovsky, ter um SoC é um fator chave para manter os indivíduos e as comunidades saudáveis diante dos desafios da vida, então o desenvolvimento de pedagogias em Educação Física que apoiem o SoC é vital diante da crescente precariedade.

Como Antonovsky se esforçou para enfatizar ao longo de seu trabalho, defender uma abordagem salutogênica para a promoção da saúde, identificando os fatores salutatórios relevantes para manter as pessoas saudáveis, não diminui a importância das abordagens patogênicas baseadas na cura e na prevenção. Mas, como Antonovsky argumentou longamente, as abordagens

¹ 4 As: raiva (anger), anomia (anomie), ansiedade (anxiety) e alienação (alienation) (STANDING, 2016). Nota dos tradutores.

patogênicas são insuficientes em si mesmas para formar uma teoria da promoção da saúde. No caso da Educação Física, precisamos de ambas para desenvolver pedagogias adequadas a circunstâncias particulares. As pedagogias da Educação Física informadas pela gestão e prevenção de riscos assumirão formas diferentes daquelas baseadas na contribuição para o SoC. Em termos mais explícitos, é improvável que aulas que promovam AFMV para melhorar a aptidão física e enfoquem a fisiologia do corpo ajudem crianças e jovens que vivenciam algum ou todos os 4 As da precariedade. Meu termo para essas abordagens salutogênicas em Educação Física é pedagogias do afeto.

As pedagogias do afeto preocupam-se explicitamente com a aprendizagem no domínio afetivo, em relação a aspectos como (em termos usados pelo Curriculum for Excellence, na Escócia) motivação, confiança e auto-estima, determinação e resiliência, responsabilidade e liderança, respeito, tolerância e comunicação. Isso contrasta com outras formas de Educação Física em que a aprendizagem afetiva é vista como um subproduto esperado da aprendizagem de habilidades em jogos e esportes. Já temos pedagogias de afeto bem desenvolvidas e pesquisadas na Educação Física, como a Aprendizagem para a Responsabilidade Pessoal e Social, várias formas de Educação Esportiva e abordagens ativistas que trabalham com meninas e jovens socialmente vulneráveis, bem como abordagens mais informais realizadas por professores individualmente (KIRK, 2020). A pesquisa centrada nessas abordagens da Educação Física fornece um conjunto de evidências de que as pedagogias do afeto podem beneficiar crianças e jovens.

Uma nova narrativa da contribuição social da Educação Física escolar em tempos de precariedade tem como cerne a noção de pedagogias do afeto. Se crianças e jovens estão vivenciando os 4s A da precariedade, precisamos de abordagens pedagógicas para a Educação Física que abordem a saúde mental e o bem-estar de forma direta e explícita. Observe que a defesa de tal narrativa não sugere que exista um método melhor para a Educação Física nas escolas. Precisamos de uma abordagem pluralista que empregue outras formas pedagógicas quando as circunstâncias justificarem seu uso (CASEY; KIRK, 2021). O que é fundamental, no entanto, é que tenhamos formas adequadas de Educação Física que possam apoiar crianças e jovens que vivenciam a precariedade e seus efeitos prejudiciais e que hajam profissionais especializados em seu uso e ambientes escolares que possam apoiar essa prática

O conceito de precariedade na literatura de Educação Física e Pedagogia do Esporte

Comecei este artigo afirmando que a pandemia da Covid-19 chegou no momento em que o conceito de precariedade ganhava espaço na literatura acadêmica. Ele é ainda um pequeno ponto de apoio no interior da literatura crítica da Educação Física que está, indiscutivelmente, preocupada com uma pedagogia que promova justiça social. Ao me preparar para escrever este artigo, realizei uma breve revisão de literatura e identifiquei dez artigos publicados, desde 2020, que mencionam a palavra precariedade, excluindo publicações de minha autoria ou coautoria. Não afirmo que esta seja uma pesquisa exaustiva, apenas que estes artigos estão facilmente disponíveis para consulta nas bases de dados “Education Database”, “Scopus” e “Sport Discus” quando se procura por ‘precariedade e Educação Física’. O objetivo desta seção final é determinar até que ponto, dada a

sua importância crucial para a compreensão de nosso contexto social recente e atual, o conceito de precariedade está afetando os estudiosos de nosso campo. Um objetivo secundário foi verificar como o conceito estava sendo entendido e colocado em uso.

Em quatro dos dez artigos, a precariedade é mencionada apenas uma vez. No artigo de Gonçalves et al. (2022a, p. 282), os autores referem-se à “precariedade do professor”, sem referência à origem do termo, que está relacionada às necessidades e formas de aprendizagem do professor. Sanches Neto et al. (2021, p. 706), escrevendo sobre um currículo socialmente crítico na formação de professores de Educação Física no Brasil, identifica “[...] consistente e entusiástica defesa de programas de formação mais orientados criticamente que permitem aos graduados lidar melhor com os problemas causados pelos níveis crescentes de pobreza, racismo, sexismo, guerra e migração” como uma resposta à precariedade - com referência a Kirk (2020). Em artigo sobre jogos africanos e indígenas no Brasil, Pereira e Venâncio (2021, p. 719) observam que “[...] a invisibilidade das questões étnico-raciais está alinhada com a precariedade do neoliberalismo e suas repercussões na Educação Física” - novamente citando (KIRK, 2020). O estudo de Philpot et al. (2021, p. 663), com foco em ações para a justiça social nas salas de aula da Educação Física e Saúde, contém o comentário de que “[...] as relações entre neoliberalismo, precariedade e saúde e bem-estar são complexas e diferenciadas” - citando (KIRK, 2020).

Nos outros seis artigos, a precariedade recebe muitas menções. No caso do artigo de Calderón e MacPhail (2023, p. 162) sobre a reestruturação da formação de professores de Educação Física, a precariedade - citando (KIRK, 2020) - é a extensão de uma conversa sobre “[...] como questões ambientais, políticas, econômicas e sociais mais amplas circunscrevem e se misturam com nosso trabalho de Educação Física escolar e na formação de professores”. O trabalho de Sutherland e Parker (2020) sobre como lidar com o trauma na e por meio da Educação Física, postula que a precariedade - citando Kirk (2019), embora seja o livro de 2020 - está ligada ao trauma por meio da incerteza e instabilidade que ele incorpora. Em um artigo sobre como inspirar a prática de professores de Educação Física em um contexto precário, Gonçalves et al. (2022b, p. 340) fazem referências frequentes à precariedade - citando Kirk (2018; 2019), embora este último seja o livro de 2020. É importante ressaltar que eles estendem o significado de precariedade além de sua conexão com empregos inseguros em países do Norte Global para incluir o ponto de que “[...] no Sul global, muitas pessoas enfrentam múltiplas formas de insegurança que desestabilizam a vida cotidiana, como vulnerabilidades de saúde, riscos ambientais, dívida, encarceramento, crime e violência”.

Dois outros artigos também usam a precariedade de maneiras ligeiramente diferentes de sua conexão com a economia gig. Varea et al. (2022, p. 38), escrevendo sobre mudanças provocadas na Educação Física na era da Covid-19, fazem uma conexão entre as condições produzidas pelos lockdowns e a precariedade. Eles afirmaram que “[...] nossos cursos de formação de professores ilustraram como o medo, a dúvida e a precariedade foram produzidos na Educação Física. Os corpos das crianças são “enquadrados” na Educação Física. Ao contrário de antes, quando uma criança tosse ou espirra, já não reagimos com naturalidade. Agora, diferentes afetos são produzidos. Esses afetos variam de medo, rejeição, preocupação e incerteza. É a conexão entre criança – tosse – equipamento de proteção – concentração viral que produz uma sensação diferente na Educação Física. Como consequência, os objetos acima convergem para produzir precariedade na Educação Física. Da mesma forma, adotando uma visão mais ampla da precariedade, Landi et al. (2020, p.

20), em um artigo sobre o A-Z da justiça social, citam a distinção que faz Judith Butler entre vulnerabilidade e precariedade. Eles escrevem que “[...] a vulnerabilidade é uma condição humana universal baseada na interdependência que os humanos têm uns dos outros – e todos os humanos são, portanto, vulneráveis.... Já a precariedade produz os mesmos efeitos da vulnerabilidade, mas neste caso se deve a uma distribuição desigual (e injusta) da população”. Apesar dessas variações da explicação fornecida por Kirk (2020) sobre a precariedade, Varea et al. e Landi et al. citam essa fonte.

Um último artigo, de Zeust (2022, pp. 138-9), sobre o que pode ser relevante na era da precariedade, coloca a questão sobre “Como podemos tornar a Educação Física social e culturalmente relevante para os jovens na era da precariedade?”. A precariedade neste artigo é consistente com o relato de Kirk (2020) e é usada para enquadrar o objetivo principal da autora, que é fornecer uma resposta à sua pergunta, explorando uma intervenção chamada “Weight Inclusive Thinking Project”. Esta aplicação da precariedade é talvez o uso mais completo do conceito até hoje na literatura de pedagogia da Educação física, além do meu próprio trabalho.

Esta breve revisão dos usos da precariedade na literatura da pedagogia da Educação Física é interessante por vários motivos. O primeiro é que vemos variações nas formas como a precariedade é compreendida e aplicada, mesmo em um pequeno número de artigos. Isso é consistente com o comentário de Millar (2017) de que a precariedade já havia, no momento em que escreveu seu texto, se tornado tão onipresente na escrita sociocultural que necessitava de precisão e significado. A precariedade tem um significado mais geral além da academia e, portanto, essa variação de uso é compreensível. Será importante, portanto, que os estudiosos estejam cientes dos múltiplos empregos e que sejam claros ao comunicar por que e como estão usando o termo. Uma segunda razão é que, embora os temas dos trabalhos citados variem, todos eles estão na área geral do campo da pedagogia preocupada com a justiça social. De fato, como observei anteriormente no artigo, a precariedade fornece um ímpeto e urgência para escrever sobre tópicos de justiça social que, antes de 2010, talvez se dessem à persistência da aparência de progresso social em direção à “vida boa”. Em terceiro lugar, cada um dos artigos contribui, alguns mais plenamente do que outros, para uma nova narrativa pedagógica sobre a contribuição social da Educação Física escolar, sendo o artigo de Zeust o mais desenvolvido desses dez artigos. Ao mesmo tempo, uma articulação mais explícita dessa nova narrativa da Educação Física para os “novos tempos” pode ser apropriada. Quarto e finalmente, é interessante notar que muitos dos autores desses dez artigos são da América do Sul ou têm conexões com países do Sul Global, talvez pelas razões sugeridas por Gonçalves et al. (2022b), de que a instabilidade e a incerteza na vida têm muito mais fontes do que o trabalho temporário. De fato, devido à Pandemia, à crise climática, à guerra na Europa e à crise do custo de vida, talvez a situação em alguns países do Norte Global esteja se igualando cada vez mais à situação dos países do Sul Global?

Referências

ANTONOVSKY, Aaron. The salutogenic model as a theory to guide health promotion, **Health Promotion International**, v. 11, n. 1, p. 11-18, 1996.

BERLANT, L. **Cruel Optimism**. Durham: Duke University Press, 2011.

- CASEY, Ashley; KIRK, David. **Models-based Practice in Physical Education**. Abingdon: Routledge, 2021.
- CALDERÓN, Antonio; MACPHAIL, Ann. Seizing the opportunity to redesign physical education teacher education: blending paradigms to create transformative experiences in teacher education. **Sport, Education and Society**, n. 28, v. 2, p. 159-172, 2023.
- FORD, Tamsin; JOHN, Ann; GUNNELL, David. Mental health of children and young people during pandemic. **British Medical Journal**, 372, n. 614, 2021. Disponível: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33692087/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.
- GARD, Michael. **The End of the Obesity Epidemic**. Abingdon: Routledge, 2011.
- GONÇALVES, Luiza Lana et al. The facilitator's role in supporting physical education teachers' empowerment in a professional learning community. **Sport, Education and Society**, v. 27, n.3, p. 272-285, 2022a.
- GONÇALVES, Luiza Lana et al. 'We united to defend ourselves and face our struggles': nurturing a physical education teachers' community of practice in a precarious context, **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 27, n. 4, p. 339-352, 2022b.
- KAUHANEN, Laura et al. A systematic review of the mental health changes of children and young people before and during the COVID-19 pandemic. **European Child and Adolescent Psychiatry**, <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02060-0>. 2022.
- KIRK, David. **Physical Education Futures**, Abingdon: Routledge, 2010.
- KIRK, David. **Precarity, Critical Pedagogy and Physical Education**, Abingdon: Routledge, 2020.
- LANDI, Dilon; LYNCH, Shrehan; WALTON-FISETTE, Jennifer. The A–Z of Social Justice Physical Education: Part 2. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 91, n. 5, p. 20-27, 2020.
- LOCKE, Lawrence. 'Changing secondary school physical education', **Quest**, v. 44, p. 361-72, 1992.
- MCKENZIE, Thomas; LOUNSBERY, Monica. School Physical Education: The pill not taken, **American Journal of Lifestyle Education**, v. 3, p. 219-225, 2009.
- MENEZES PEREIRA, Arliene; VENÂNCIO, Luciana. African and Indigenous games and activities: a pilot study on their legitimacy and complexity in Brazilian physical education teaching, **Sport, Education and Society**. v. 26, n. 7, p. 718-732, 2021.
- MILLAR, Kathleen. Toward a critical politics of precarity. **Sociology Compass**, v. 11, n. 6, e12483, 2017.
- PHILPOT, Rod et al. Taking action for social justice in HPE classrooms through explicit critical pedagogies. **Physical Education and Sport Pedagogy**, n. 26, v. 6, p. 662-674, 2021.
- PITCHFORTH, Jacqueline et al. Mental health and well-being trends among children and young people in the UK, 1995–2014: analysis of repeated cross-sectional national health surveys, **Psychological Medicine**, v. 49, p. 1275-1285, 2019.
- PLUIM, Carolyn; GARD, Michael. Physical education's grand convergence: *Fitnessgram*®, big-data and the digital commerce of children's health, **Critical Studies in Education**. v. 59, n. 3, p. 261-278, 2018. DOI: [10.1080/17508487.2016.1194303](https://doi.org/10.1080/17508487.2016.1194303)
- QUENNERSTEDT, Mikael. Exploring the relation between physical activity and health - a salutogenic approach to physical education. **Sport, Education and Society**, v. 13, n. 3, p. 267-283, 2008.
- ROBERTS, Ken. Whatever happened to the leisure society? **World Leisure Journal**, v. 62, n. 11, p. 81-83, 2020.
- SALLIS, James; MCKENZIE, Thomas. Physical education's role in Public Health. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 62, n. 2, p. 124-137, 1991.

SANCHES NETO, Luis et al. A socially-critical curriculum for PETE: students' perspectives on the approaches to social-justice education of one Brazilian programme, **Sport, Education and Society**, v. 26, n. 7, p. 704-717, 2021.

SOLLERHED, Ann; EJLERTSSON, Göran; APITZSCH, Erwin. Predictors of strong sense of coherence and positive attitudes to physical education in adolescents. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 33, p. 334-342, 2005.

STANDING, Guy. **The precariat: The new dangerous class**, London: Bloomsbury Academic, 2016.

SUTHERLAND, Sue; PARKER, Melissa. Responding to Trauma in and through Physical Education. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, n. 91, v. 9, p. 16-21, 2020.

TINNING, Richard. Toward a “modest pedagogy”: Reflections on the problematics of critical Pedagogy, **Quest**, v. 54, n. 3, p. 224-240, 2002.

TINNING, Richard. Troubled thoughts on critical pedagogy for PETE. **Sport, Education and Society**, v. 25, n. 9, p. 978-989, 2020.

VAREA, Valeria., GONZÁLEZ-CALVO, Gustavo.; GARCÍA-MONGE, Alfonso. Exploring the changes of physical education in the age of Covid-19. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 27, n. 1, p. 32-42, 2022.

ZUEST, Luciana. Physical Education and the Quest for relevance in the age of precarity: lessons from the Weight Inclusive Thinking Project (WIT). **Quest**, v. 74, n. 2, p. 137-151, 2022.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO – não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflitos de interesse.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Felipe Quintão de Almeida, com a colaboração de Karen Lorena Gil Eusse e David Kirk.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 31.05.2023

Aprovado em: 31.05.2023